



AGENDA DA SEMANA

INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

Pacote de gastos e números fiscais concentram as atenções da semana

Em meio à expectativa com a divulgação do pacote de medidas do governo para conter o crescimento dos gastos públicos, as atenções da semana se concentram em dados fiscais. Além das tão aguardadas medidas, o Tesouro divulga na sexta (22) o Relatório de Avaliação de Receitas e Despesas Primárias do 5º bimestre, que deve trazer as novas estimativas de receitas e despesas do governo federal para este ano. Diante do intenso crescimento de algumas despesas obrigatórias, como os benefícios previdenciários e de prestação continuada (BPC), a tendência é que o governo anuncie novos bloqueios de recursos para cumprir o limite de crescimento das despesas estipulado para o ano. Além disso, ao longo da semana, a Receita Federal também deve divulgar (sem data definida) o resultado da arrecadação de impostos de outubro, que deve seguir mostrando números fortes, com alta real estimada de 7,8% ante outubro de 2023, mantendo-se impulsionada pela atividade aquecida e pelas medidas adotadas pelo Ministério da Fazenda para aumentar a arrecadação.

No setor bancário, o Banco Central divulga na quinta (21) o Relatório de Estabilidade Financeira (REF) referente ao 1º semestre de 2024. O relatório traz um panorama do Sistema Financeiro Nacional, com foco em métricas importantes para a avaliar os riscos e a resiliência do sistema, com destaque para indicadores de liquidez, solvência, rentabilidade, além de testes de estresse. Ainda referente ao setor, vale destacar que, no mesmo dia, ocorrerá a reunião mensal do CMN e o BCB publicará a nova versão da Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito.

Ainda no Brasil, a FGV divulga o Monitor do PIB de setembro na sexta (22), que deve apontar uma expansão robusta da economia no 3º trimestre. A expectativa é que o indicador mostre que a economia seguiu com um forte crescimento no trimestre, na mesma direção do índice IBC-Br, já conhecido na última semana, impulsionado pela demanda interna aquecida.

No cenário internacional, a agenda da semana traz dados de atividade para as economias dos EUA e da Zona do Euro. Na sexta-feira (22), serão conhecidas as prévias de novembro dos índices PMIs (manufatura e serviços) para ambas as economias. A expectativa é que os indicadores mantenham a dicotomia entre os dois setores, com os serviços em expansão, em especial nos EUA, onde o indicador está no maior patamar desde abr/22, refletindo a força do consumo das famílias no país. Já o setor industrial deve seguir sem grande ímpeto em ambas as economias, embora nos EUA deva mostrar alguma recuperação dos efeitos dos furacões, que atingiram alguns Estados no mês anterior. Além disso, a semana também traz indicadores de confiança dos consumidores para ambas as economias e dados do setor imobiliário nos EUA.

Na Europa, também será conhecida a leitura final da inflação de outubro, que deve acelerar para 2,0% aa nos últimos 12 meses. O dado que será divulgado na terça (19), deve mostrar alta de 0,3% no mês, acumulando alta de 2,0% em 12 meses (ante 1,7%). Apesar da aceleração, o resultado deve ser suficiente para o BCE prosseguir com o ciclo de redução dos juros na região em sua próxima reunião, agendada para o dia 12 de dezembro.

Na China, o Banco Popular (PBoC) deve manter estáveis as taxas de juros prime de 1 e 5 anos. Após redução em outubro para 3,1% aa e 3,6% aa, respectivamente, menor patamar da série, a expectativa é que o BC Chinês mantenha estáveis os juros que são referência para os empréstimos às famílias e corporativos (1 ano) e habitacional (5 anos). De toda forma, dado os desafios que o país apresenta (fraca demanda interna e pressão deflacionária), somado ao resultado das eleições nos EUA, não é impossível que o governo opte por novos estímulos para reaquecer a economia interna. A decisão ocorre na terça (19).

A próxima página traz a agenda completa de indicadores, com as datas de divulgação e projeções de mercado.



INDICADORES DA SEMANA

NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
21/nov	BCB: Relatório de Estabilidade Financeira	1º semestre/2024	-	-
21/nov	Reunião do CMN	-	-	-
21/nov	BCB: Relatório da Pesquisa Trimestral de Condições de Crédito (PTC)	3º tri/24	-	-
22/nov	FGV: Monitor do PIB	Set/24	-	-0,2% m/m 3,4% a/a
22/nov	Relatório Bimestral de Receitas e Despesas	5º bimestre/2024	-	-
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Out/24	7,8% a/a	11,6% a/a

Fonte: Bloomberg.

INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
19/nov	Zona do Euro	Inflação ao Consumidor (CPI)	Out/24 – final	0,3% m/m 2,0% a/a	-0,1% m/m 1,7% a/a
19/nov	EUA	Construções de casas novas	Out/24	-1,3% m/m	-0,5% m/m
19/nov	EUA	Alvarás para novas construções	Out/24	1,1% m/m	-3,1% m/m
19/nov	China	Taxas de Empréstimo Prime (1 ano e 5 anos)	Nov/24	3,10% aa / 3,60% aa	3,10% aa / 3,60% aa
21/nov	Zona do Euro	Confiança do consumidor	Nov/24 – prévia	-12,2 pts	-12,5 pts
21/nov	EUA	Vendas de casas existentes	Out/24	2,5% m/m	-1,0% m/m
22/nov	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Nov/24 – prévia	46,0 pts / 51,6 pts	46,0 pts / 51,6 pts
22/nov	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Nov/24 – prévia	48,8 pts / 55,3 pts	48,5 pts / 55,0 pts
22/nov	EUA	Confiança do consumidor (Univ. Michigan)	Nov/24 – final	73,5 pts	70,5 pts

Fonte: Bloomberg.



ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

Copom aumenta cautela com inflação, enquanto dados de atividade apontam alta relevante do PIB no 3T24

A ata da última reunião do Comitê de Política Monetária do Banco Central (Copom) reforçou a maior preocupação com a dinâmica inflacionária e deixou clara a necessidade de avançar com uma política mais contracionista, além de ressaltar a possibilidade de um ciclo mais longo do que o esperado até o momento. O documento apontou que a intensificação do ritmo de aperto para 0,50 pp é adequada e expôs diversos pontos de preocupação.

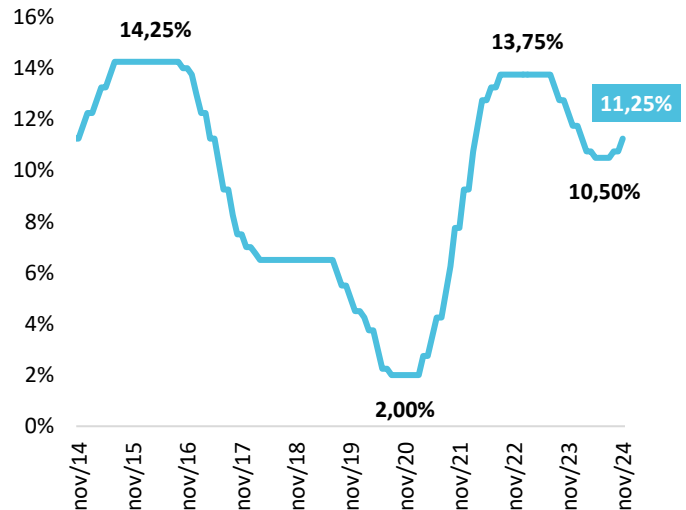
Em relação à conjuntura, o BC destacou as incertezas decorrentes da possibilidade de mudança na condução da política econômica nos EUA, “particularmente com possíveis estímulos fiscais, restrições na oferta de trabalho e introdução de tarifas à importação”. No cenário doméstico, o BCB enfatizou a preocupação com o dinamismo da atividade e do mercado de trabalho, que tornam mais difícil o processo de convergência da inflação (especialmente de serviços) para a meta. Além disso, apontou que o cenário para a inflação se mostra mais desafiador, diante do choque nos preços dos alimentos, em função da estiagem, e os impactos da desvalorização do câmbio sobre os preços de bens industrializados.

O BC também subiu o tom quanto a dinâmica das contas públicas. No parágrafo 13, destacou que a percepção recente sobre o aumento dos gastos e a sustentabilidade do arcabouço fiscal vigente têm causado “impactos relevantes sobre os preços de ativos e as expectativas”. Como complemento, defendeu que uma contenção estrutural dos gastos pode, inclusive, favorecer o crescimento econômico no médio prazo. Ainda, afirmou que as discussões sobre contenção de gastos e sustentabilidade da dívida têm sido recorrentes em diversos países.

Quanto aos próximos passos, a Ata trouxe uma novidade, ainda que de maneira sutil. O documento destacou que “uma deterioração adicional das expectativas de inflação pode levar a um prolongamento do ciclo de aperto de política monetária”, dando sinais de que o Colegiado pode ter que estender o ciclo de alta dos juros em relação ao esperado até o momento, caso o cenário siga se deteriorando. Assim, sinaliza um cenário de juros mais altos por mais tempo, mas sem necessariamente acelerar o ritmo de aperto. Portanto, os sinais são de que o Colegiado tende a preferir seguir com altas de 0,50 pp nas próximas reuniões, embora uma aceleração do ritmo para 0,75 pp não seja descartada.

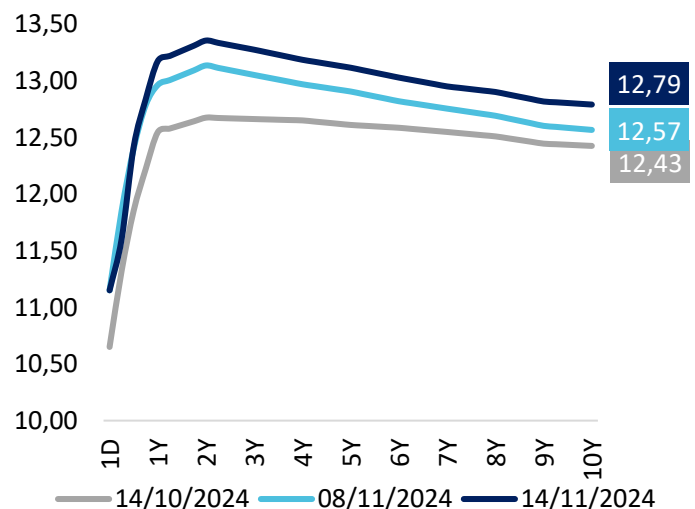
INDICADORES ECONÔMICOS

Quadro 1: Taxa Selic – em % aa



Fonte: BCB

Quadro 2: Curva de Juros – Swap Pré-DI % aa



Fonte: Bloomberg.

Em relação à atividade, os dados de setembro mostraram que a economia seguiu com uma expansão sólida no 3º trimestre, que pode ficar novamente perto de 1%, frustrando as expectativas de uma desaceleração mais visível da atividade no período. Com isso, as projeções para o crescimento do PIB do ano devem seguir com viés de alta, podendo se aproximar de 3,5%.

O índice IBC-Br de atividade econômica do Banco Central, proxy mensal do PIB, avançou 0,8% em setembro, superando a expectativa do mercado (+0,5%). O avanço refletiu o desempenho positivo dos principais setores no mês (indústria, varejo e serviços). Com o resultado, o indicador encerrou o 3º trimestre com alta de 1,1%, muito próximo ao registrado no 2º trimestre (+1,2%), sinalizando que a economia seguiu avançando com força no período.

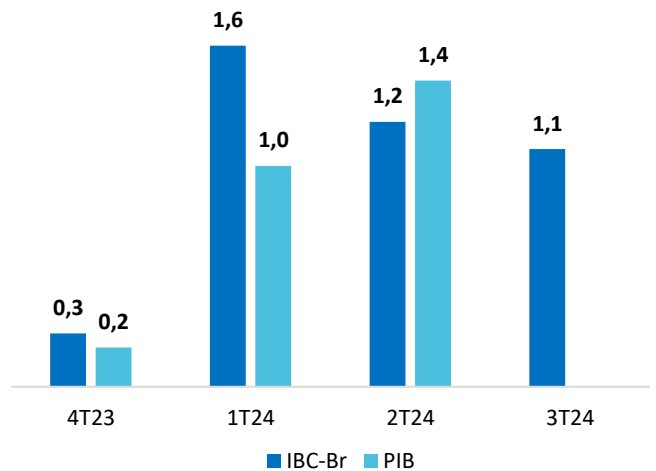
Na mesma direção, os números dos principais setores também mostraram um bom desempenho no 3º trimestre. O setor de serviços, por exemplo, também surpreendeu positivamente ao crescer 1,0% em setembro, acima do esperado (+0,7%). Com isso, o setor fechou o 3º trimestre com alta de 1,3%, acelerando ante o trimestre anterior (+0,5%), liderado pelos serviços prestados às famílias (+2,4%) e de informação e comunicação (+2,7%).

No mês, o predomínio foi de taxas positivas, com 4 das 5 atividades avançando. As maiores influências positivas vieram dos serviços administrativos (+1,4%) e de comunicação (+1,0%). Já os serviços prestados às famílias (+0,4%) se beneficiaram da realização de grandes eventos musicais no mês (Rock in Rio), que levaram a uma expressiva alta de “outros serviços às famílias” (+16,5%), além do transbordamento positivo para outros segmentos, como os serviços de transportes (+0,7%), notadamente de passageiros (+2,1%).

Já as vendas no varejo (ampliado) cresceram 1,8% em setembro, um pouco abaixo do esperado pelo mercado (+2,3%). Ainda assim, o resultado foi suficiente para mais do que devolver a queda no mês anterior (-0,4%) e a relativa estabilidade em julho (+0,1%), levando o setor a registrar uma alta de 1,0% no 3º trimestre, também acima do registrado no trimestre anterior (+0,5%).

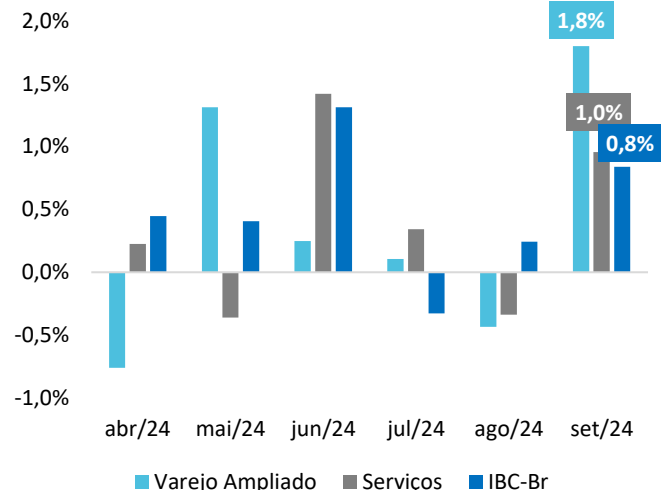
No mês, houve alta em 6 das 10 atividades analisadas pelo IBGE. Destaque para as vendas de artigos farmacêuticos (+1,6%), combustíveis (+2,3%), outros artigos (+3,5%) e veículos (+6,6%). No trimestre, também houve crescimento em 6 atividades, sendo que as maiores altas foram observadas nas vendas de veículos e partes (+4,2%) e materiais de construção (+3,2%).

Quadro 3: Índice IBC-Br e PIB – Var.% Trimestral



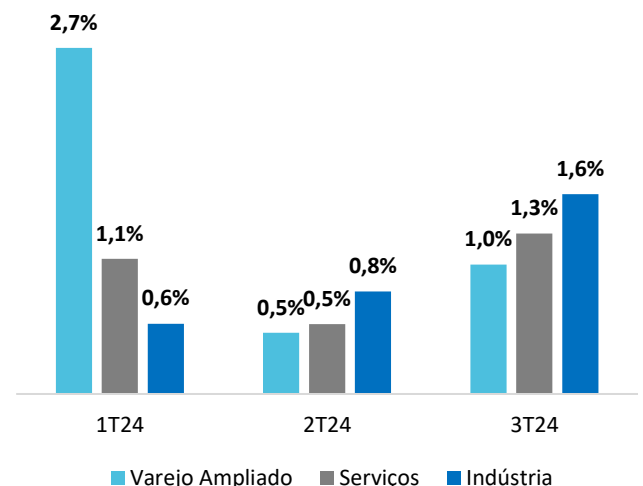
Fonte: IBGE e BCB

Quadro 4: Índice IBC-Br, Varejo e Serviços – Var. % Mensal



Fonte: IBGE e BCB

Quadro 5: Indicadores Setoriais de Atividade – Var. % Trimestral



Fonte: IBGE

Portanto, os números do 3º trimestre mostraram que a demanda interna segue bastante aquecida, impulsionada pelo aumento da renda das famílias e pela expansão do crédito, que devem levar a uma alta relevante do PIB no período. O resultado oficial será divulgado pelo IBGE no dia 3 de dezembro.

No campo fiscal, o Banco Central divulgou que o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 7,3 bi em setembro.

O número foi melhor do que o observado em setembro do ano anterior (R\$ -18,1 bi), em função do menor déficit do governo central, que passou de R\$ 16,5 bi para R\$ 4,0 bi no período. Por outro lado, houve piora no resultado dos entes regionais (de R\$ -1,1 bi para R\$ -3,2 bi).

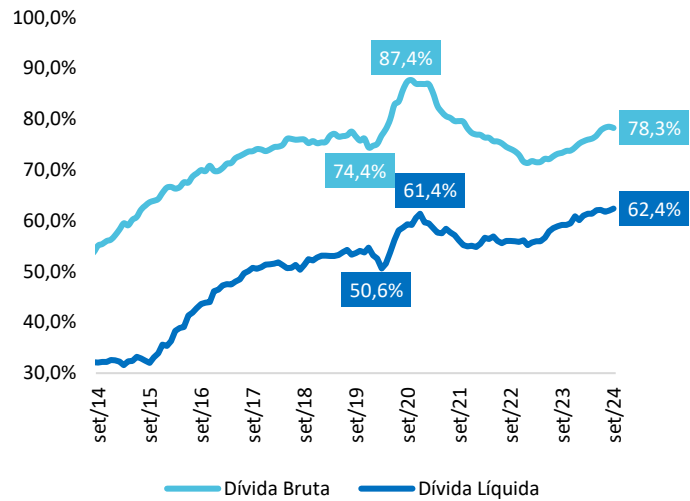
No acumulado em 12 meses, o setor público consolidado registra déficit primário de R\$ 245,6 bi (2,15% do PIB). Já o déficit nominal, que inclui o pagamento com juros, ficou em R\$ 1,07 trilhão (9,3% do PIB), saindo das máximas recentes (após atingir 10% do PIB em julho/24), mas em nível ainda muito elevado.

O resultado fez com que a dívida bruta do governo geral caísse 0,2 pp no mês, após 14 altas mensais consecutivas, atingindo 78,3% do PIB. Já a dívida líquida subiu 0,4 pp, para 62,4% do PIB e igualou o maior patamar da história (set/02, auge da crise pré-eleitoral de 2002). Tais números reforçam a urgência do governo em controlar o crescimento das despesas.

Em relação à inflação, o IGP-10 de novembro mostrou que os preços seguem pressionados no atacado, reforçando o quadro de preocupação com a dinâmica inflacionária no curto prazo.

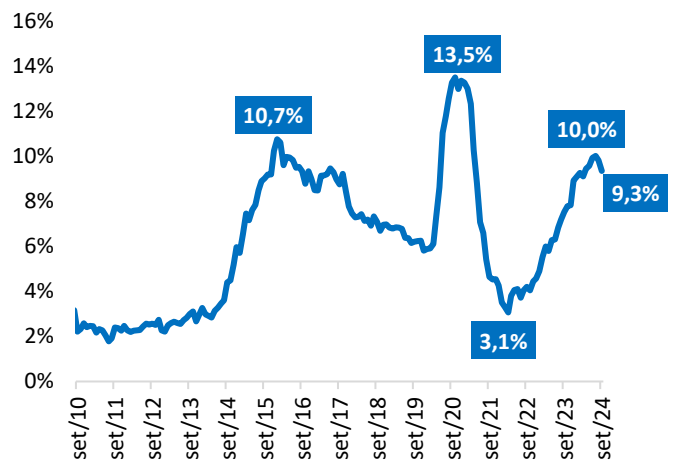
O índice subiu 1,45% no mês, acelerando ante o mês anterior (+1,34%). Apesar da retomada das chuvas nas regiões produtoras, os produtos agropecuários seguem pressionados (+3,88%), ainda capturando os efeitos das secas, notadamente nos bovinos (+15,20%) e carnes (+8,1%), cujos preços também tem subido em função da demanda aquecida (externa e interna). A inflação dos produtos industriais também se mostra pressionada, acelerando de 0,87% em outubro para 1,11% em novembro, liderada pelo minério de ferro (de 1,84% para 7,58%). Com isso, o índice de preços ao produtor (IPA) passou de 1,66% para 1,88%, liderando a alta do IGP. Em 12 meses, o índice acumula alta de 6,07% (ante 5,10%).

Quadro 6: Dívida Bruta do Governo Geral e Dívida Líquida do Setor Público (% do PIB)



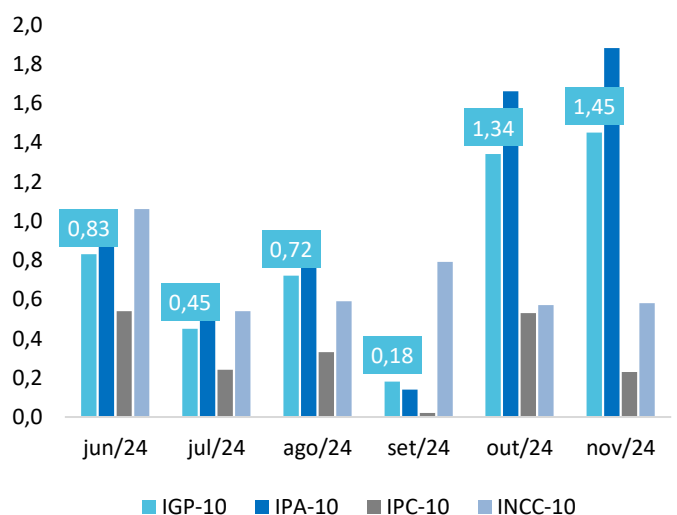
Fonte: BCB

Quadro 7: Resultado Nominal do Setor Público Consolidado – Acum. 12 meses (% do PIB)



Fonte: BCB

Quadro 8: IGP-10 e Aberturas – Var. % mensal



Fonte: FGV

Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

Powell sugere cautela no processo de corte dos juros nos EUA e tira ímpeto dos mercados

Na política, a semana foi marcada pelas primeiras indicações de Donald Trump para os principais cargos de seu futuro governo, que começa a ganhar formato. No geral, a percepção é de que as promessas de Trump não ficarão restritas à campanha e devem ser implementadas logo no início de seu governo. Na economia, Powell afirmou que a economia dos EUA segue sólida, não havendo, assim, necessidade de pressa no processo de corte dos juros. Com isso, o mercado praticamente se dividiu quanto à possibilidade (ou não) de uma queda dos juros na reunião de dezembro do Fed. Tal cenário ajudou a tirar o fôlego das principais bolsas do país, que se distanciaram das máximas atingidas logo após a eleição de Trump.

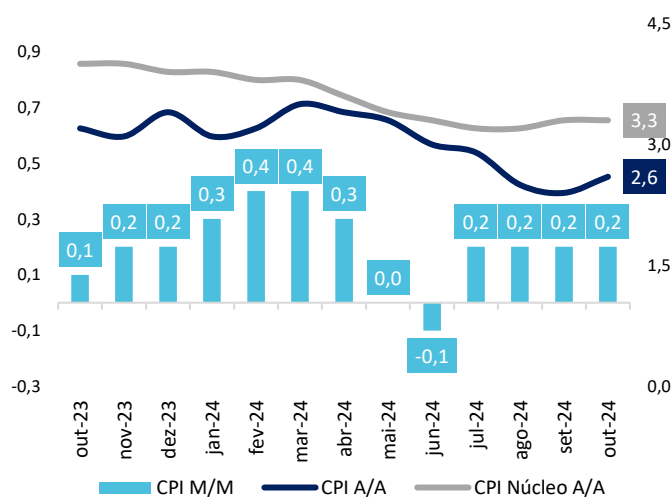
Dentre os indicadores, o CPI subiu 0,2% em outubro nos EUA, em linha com o esperado. A alta foi puxada pelos preços de veículos usados (+2,7%), alugueis (+0,4%) e transportes (+0,4%). Estas altas foram parcialmente compensadas pelos recuos do preço do óleo combustível (-4,6%) e da gasolina (-0,9%). Com isso, em 12 meses, o índice acelerou pela primeira vez desde mar/24, atingindo 2,6% (ante +2,4%). Já o núcleo do indicador ficou estável em 3,3% em base anual e segue acima de 3% desde mar/21 (+1,6%), enquanto o índice de preços ao produtor (PPI) subiu 0,2% no mês, também acelerando no acumulado em 12 meses, de 1,9% para 2,4%. Portanto, os sinais são de que o processo de desinflação tem perdido força no país.

Em relação à atividade, as vendas no varejo subiram 0,4% no mês de outubro, pouco acima do esperado (+0,3%) e contando também com uma revisão para cima no dado de setembro (de 0,4% para 0,8%). Com isso, a leitura aponta que o consumo segue forte nos EUA, reforçando a mensagem de Powell que a economia está em boa forma, não necessitando de um rápido suporte vindo da política monetária. Já a indústria caiu 0,3% no mês, prejudicada pelos furacões que afetaram partes do país no período.

Na China, os dados de atividade de outubro mostraram números levemente positivos, mas não o suficiente para animar o mercado. A indústria cresceu 5,3% ante out/24, pouco abaixo da expectativa (+5,6%) e do dado de setembro (+5,4%), enquanto o varejo surpreendeu ao avançar 4,8% (ante expectativa de 3,8% e alta de 3,2% em setembro), indicando alguma retomada da demanda doméstica.

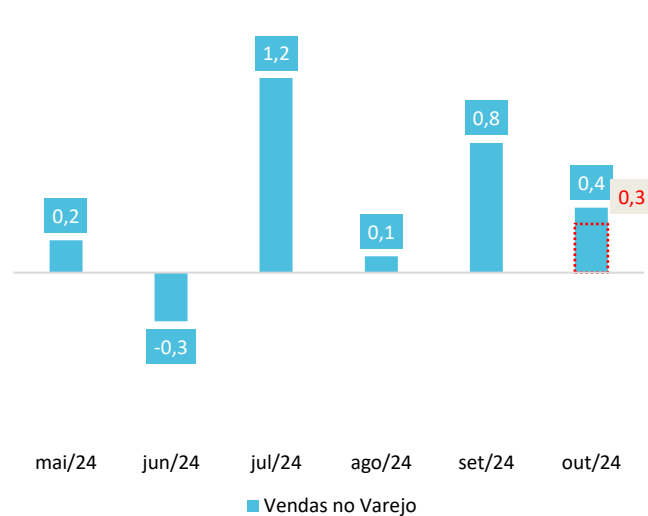
Na Zona do Euro, a 2ª leitura do PIB do 3º trimestre do ano confirmou a prévia ao subir 0,4% ante o período anterior, acelerando o ritmo de expansão após 0,2% no 2T24.

Quadro 9: EUA – Inflação ao Consumidor (CPI)
Var. % m/m e a/a



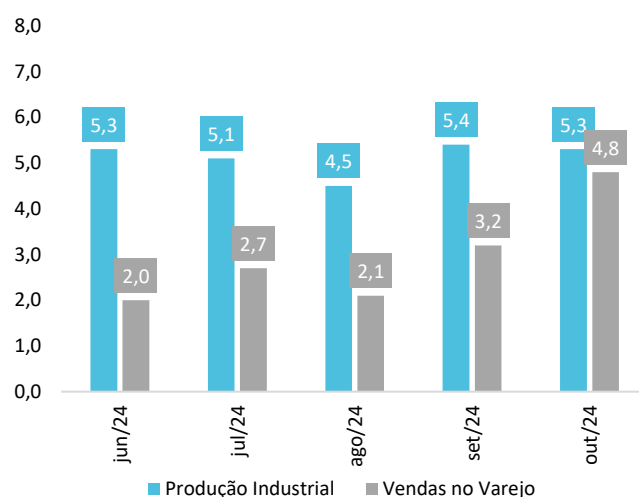
Fonte: Bloomberg.

Quadro 10: EUA – Vendas no varejo
Var. % m/m



Fonte: Bloomberg.

Quadro 11: China – Produção Industrial e Vendas no varejo – Var. % a/a



Fonte: Bloomberg.

Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

CRÉDITO / BANCOS

Crédito deve voltar a crescer em ritmo de dois dígitos

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 0,8% em outubro, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve voltar a rodar em dois dígitos, acelerando de 9,9% para 10,4%.

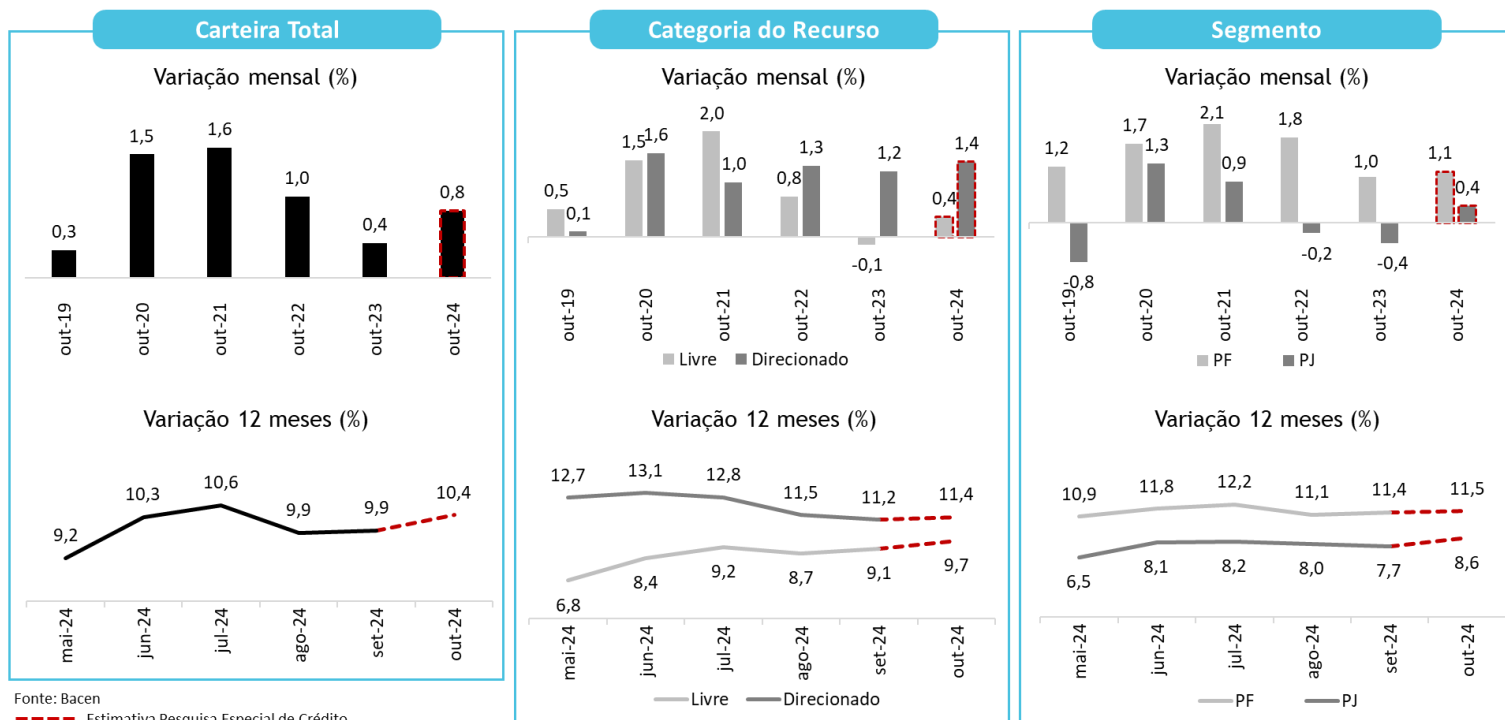
No mês, o crescimento deve ser liderado pelo crédito direcionado (+1,4%). A maior alta deve vir da carteira PJ (+2,1%), impulsionada pelos financiamentos do BNDES e principalmente pelos programas públicos, com o lançamento do Programa Acredita, destinado às micro e pequenas empresas. A carteira PF Direcionada deve avançar 1,1%, com manutenção do bom desempenho do crédito imobiliário e rural (neste caso, ainda reflexo do novo Plano Safra). Com isso, em 12 meses, a carteira Direcionada deve acelerar de 11,2% para 11,4%.

O crédito livre, por sua vez, deve avançar apenas 0,4% em outubro, mas o suficiente para acelerar o ritmo de expansão anual da carteira, de 9,1% para 9,7%. No mês, a carteira PF Livre deve avançar 1,1%, mostrando novos avanços das linhas de financiamentos de veículos, crédito pessoal e cartão à vista, que

seguem favorecidas pelo aumento do emprego e da renda. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve passar de 10,5% para 10,7%. Já a carteira PJ Livre deve recuar 0,6% no mês, impactada pela sazonalidade negativa das linhas de desconto de recebíveis e antecipação de faturas e por alguma substituição do capital de giro com recursos próprios pelas linhas com recursos públicos (Programa Acredita). Ainda assim, o ritmo de expansão da carteira PJ Livre deve seguir em trajetória de normalização, com alta de 8,2% (ante 7,2%).

No geral, os números de outubro seguem indicando um bom dinamismo do mercado de crédito, apesar do início do novo ciclo de aperto monetário. Embora o crescimento do mês tenha sido impulsionado pelos programas públicos (crédito direcionado), a carteira com recursos livres, mais sensíveis às condições econômicas, também mostra bom crescimento, se aproximando de uma alta anual de dois dígitos. A tendência é que o crédito siga crescendo na faixa de 10% até o fim do ano, a menos que haja uma piora significativa no cenário macroeconômico.

Quadro 12: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta crescimento de 3,3% em outubro. Ajustando pelo número de dias úteis, o volume de concessões deve recuar 5,7%.

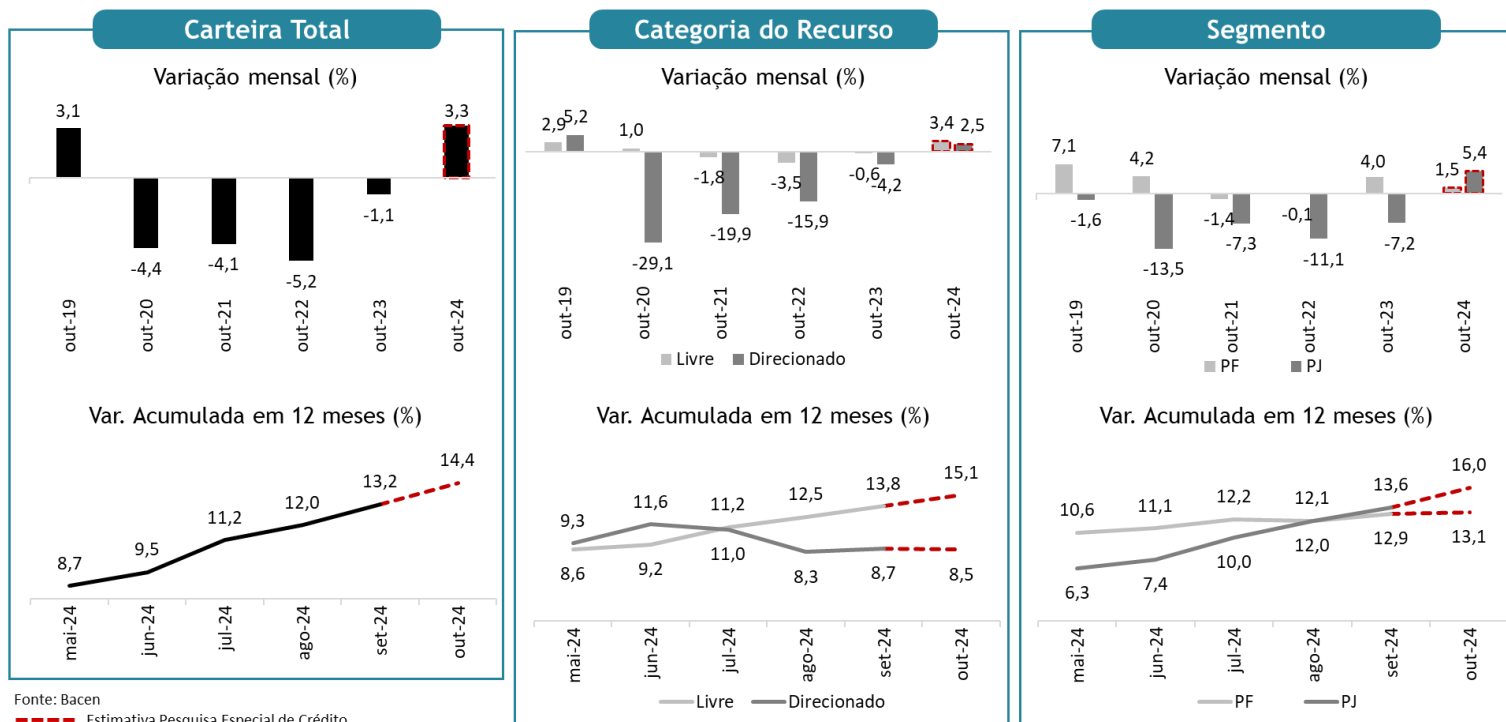
A queda no mês (ajustada por dias úteis) deve ser relativamente disseminada entre as carteiras. No caso das concessões às empresas (-3,8%), destaca-se a sazonalidade negativa das linhas de fluxo de caixa (recursos livres), apesar da forte alta nas concessões com recursos direcionados (Programa Acredita). Já nas operações para famílias (-7,4%), a queda reflete especialmente o menor fluxo de recursos do Plano Safra, devido ao avanço do programa que começou em julho.

Contudo, na comparação com o mesmo período de 2023, as concessões devem mostrar um crescimento robusto, de 10,6%,

impulsionadas pelo crédito destinado às empresas (+22,0%). Assim, na visão acumulada em 12 meses, o volume de concessões deve seguir ganhando fôlego, passando de uma alta de 13,2% em setembro para 14,4% em outubro. A aceleração vem sendo puxada pelas operações com recursos livres, que devem acelerar de 13,8% para 15,1%.

A divulgação da Nota de Política Monetária e Crédito pelo Banco Central está programada para o próximo dia 28 de novembro. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

Quadro 13: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito



Fonte: Bacen

--- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

Resultado Corporativo 3º Tri/24 Banco do Brasil

CRÉDITO / BANCOS

O Banco do Brasil (BB) registrou lucro líquido ajustado de R\$ 9,5 bilhões no 3º trimestre, ligeiramente acima do esperado (US\$ 9,4 bi). O resultado representa estabilidade (+0,1%) no trimestre e alta de 8,3% ante o 3T23. Com isso, a rentabilidade (ROE) do banco atingiu 21,1%, caindo 0,5 pp no trimestre e praticamente estável em 12 meses (-0,1 pp).

Apesar do resultado pouco acima do esperado e do avanço na comparação anual, o ponto mais relevante da divulgação foi a forte alta dos gastos com PDD (+34,2% em 12 meses), em função da piora na qualidade do crédito para o setor agro, que representa um terço da carteira da IF. Isto ajudou a provocar uma queda do lucro operacional do BB (-14,2% em 12 meses), porém, mais do que compensado pelo recuo do pagamento de IR/CSLL no período.

A margem financeira bruta subiu 9,3% em 12 meses, impulsionada pela margem com o mercado (+63,3%), beneficiada pelo resultado de tesouraria em meio à alta dos juros. Já a margem com clientes (+1,1%) ficou praticamente estável apesar do avanço do crédito, devido à queda do spread médio das operações. As receitas com prestação de serviços subiram 4,9%, puxadas por consórcio (+16,4%), administração de fundos (+14,2%) e seguros (+8,4%).

Do lado dos gastos, as despesas administrativas subiram 5,0% em 12 meses. O controle das despesas, somado à continuidade de avanço das receitas fez com que o índice de eficiência do BB atingisse 25,4% no acumulado em 12 meses, renovando o menor (e melhor) patamar da série histórica (desde 2014).

A carteira de crédito ampliada do BB, que inclui TVMs privados e garantias, atingiu R\$ 1,205 tri no fim do 3T24, subindo 1,9% no trimestre e 13,0% ante o 3T23. Na comparação anual, a alta foi puxada pelo crédito agro (+13,7%), em operações de custeio (+19,0%), investimento (+16,5%) e via Cédula de Produtor Rural e Garantias (+59,2%). Outro destaque foi a expansão do crédito destinado às empresas (+13,5%), impulsionado por operações com o setor público (+22,8%). Já a carteira PF subiu 7,9%, liderada pela linha de financiamento de veículos (+12,7%) e consignado (+11,2%).

A taxa de inadimplência (acima de 90 dias) atingiu 3,3% da carteira, subindo 0,3 pp no tri e 0,5 pp em um ano. A piora foi puxada pela carteira agro, com altas de 0,7 pp no tri e de 1,3 pp em 12 meses, levando a inadimplência da carteira para 2,0%, maior patamar desde dezembro de 2020, mas relativamente em linha com o observado antes da pandemia, sugerindo que também se trata de um movimento de normalização. Já o índice de atrasos (entre 15 e 90 dias) ficou estável no trimestre, em 2,0%, com ligeira alta da carteira agro (+0,1 pp, para 1,5%), sinalizando uma possível acomodação da inadimplência do segmento em breve.

Por fim, o BB revisou seu *guidance* para 2024, prevendo maiores gastos com PDD no ano: entre R\$ 34 bi e R\$ 37 bi (ante R\$ 31 bi a R\$ 34 bi), devido ao efeito da maior inadimplência da carteira agro. Do lado positivo, foi revisado para baixo o crescimento esperado das despesas administrativas, cuja expansão esperada passou a ser entre 5% e 7% (ante 6% e 10%), fato que permitiu manter a projeção de lucro líquido anual inalterada (entre R\$ 37 bi e R\$ 40 bi).

Quadro 14: Resultado 3T24 – Banco do Brasil

Banco do Brasil - R\$ Mi	3T23	2T24	3T24	Var. %	
				Tri	Anual
ITENS PATRIMONIAIS¹					
Ativo Total	2.248.911	2.362.966	2.469.586	4,5%	9,8%
TVM	446.535	584.005	514.933	-11,8%	15,3%
Depósitos	799.621	845.469	873.512	3,3%	9,2%
Patrimônio Líquido	170.511	181.831	187.419	3,1%	9,9%
DRE					
Margem Financeira Bruta	23.680	25.549	25.870	1,3%	9,3%
Provisão p/ créditos de liquid. Duvidosa	-7.516	-7.807	-10.086	29,2%	34,2%
PDD - Risco de Crédito	-9.164	-9.610	-11.627	21,0%	26,9%
PDD - Recuperação de Crédito	2.131	2.983	2.597	-12,9%	21,9%
Receitas com Prestação de Serviços e Tarifas Bancárias	8.670	8.845	9.096	2,8%	4,9%
Despesas Administrativas	-8.926	-9.245	-9.373	1,4%	5,0%
IR/CSLL	-2.139	-2.530	-500	-80,2%	-76,6%
Lucro Líquido Ajustado	8.785	9.502	9.515	0,1%	8,3%
RENTABILIDADE E PRODUTIVIDADE²					
ROAE	21,3%	21,6%	21,1%	-0,5 pp	-0,1 pp
ROAA	1,6%	1,6%	1,6%	-0,1 pp	0,0 pp
Índice de eficiência	27,6%	25,5%	25,4%	-0,1 pp	-2,2 pp
CRÉDITO					
Carteira de crédito ampliada ³	1.066.232	1.182.860	1.204.752	1,9%	13,0%
Interna	1.015.531	1.116.827	1.136.420	1,8%	11,9%
PF	304.147	320.765	328.267	2,3%	7,9%
PJ	371.447	421.072	421.583	0,1%	13,5%
Agronegócios	339.937	374.989	386.571	3,1%	13,7%
Externa	50.701	66.033	68.332	3,5%	34,8%
Despesa PDD/Carteira de crédito amp.	0,7%	0,7%	0,8%	0,2 pp	0,1 pp
Taxa de inadimplência (> 90 dias)	2,8%	3,0%	3,3%	0,3 pp	0,5 pp
Índice de Basileia	16,2%	14,2%	14,7%	0,5 pp	-1,6 pp
Cobertura > 90 dias	199,1%	191,3%	177,6%	-13,6 pp	-21,5 pp

Fonte: BB RI. Elaboração: FEBRABAN. ¹Contábil ²Anualizado ³Inclui operações com TVM e garantias.

Resultado Corporativo 3º Tri/24 Caixa Econômica Federal

CRÉDITO / BANCOS

A Caixa Econômica Federal (CEF) registrou lucro líquido contábil de R\$ 3,3 bilhões no 3º trimestre 2024, praticamente estável na comparação com o trimestre anterior (-0,7%) e o 3º trimestre de 2023 (+0,7%). A rentabilidade patrimonial (ROE) da CEF atingiu 9,9%, caindo 0,2 pp no trimestre, mas com alta de 1,8 pp em 12 meses. No comparativo com o 3T23, o resultado foi puxado para cima pela redução em 33,4% da provisão para devedores duvidosos (PDD), beneficiada, em parte, pela reversão da perda esperada na dívida de um cliente específico, onde houve recentemente repactuação da dívida (provavelmente se trata da Americanas). Enquanto isso, a margem financeira permaneceu estável (-0,2%), refletindo a queda das receitas de intermediação financeira (-4,6%), dada a queda em títulos e valores mobiliários (-18,8%), mas também das despesas de intermediação, devido à queda do juros (CDI). As receitas com serviços também subiram 7,5%, impulsionadas pelos ganhos com seguros (+19,4%) e cartões de débito e crédito (+14,7%). Do outro lado, as despesas administrativas subiram 6,3% ante o 3T23, em função da alta na rubrica “outras despesas administrativas” (+11,4%), impactada pelos maiores gastos com publicidade (+72,7%) e depreciações/*impairment* (+44,1%). Já as despesas de pessoal permaneceram controladas no período, subindo 4,0%.

A carteira de crédito da CEF avançou 10,8% em 12 meses, atingindo um saldo de R\$ 1,209 trilhão no fim do 3T24. A alta segue liderada pelo crédito imobiliário (+14,7%), a linha mais relevante da instituição (67% do total), refletindo a alta dos empréstimos com recursos do FGTS (+17,3%), enquanto os empréstimos com recursos da poupança cresceram em menor ritmo (+11,3%). A carteira agro também apresentou expansão relevante (+13,8%). Já o crédito comercial subiu apenas 1,2%, com a alta vindo da expansão do crédito às empresas (+4,8%), que mais do que compensou a queda no crédito destinado às famílias (-1,4%).

A inadimplência da carteira total (acima de 90 dias) atingiu 2,27%, com alta de 0,07 pp no trimestre e queda de 0,40 pp em 12 meses. Na margem, a leve piora do indicador decorreu da alta dos atrasos nas carteiras do agro (+1,2 pp, para 3,35%), comercial PJ (+0,76 pp, para 7,77%) e de infra (+0,52 pp, para 0,52%). Por outro lado, no imobiliário, houve ligeira melhora (-0,13 pp, para 1,42%).

Por fim, em relação aos passivos, uma vez que a discussão sobre o *funding* para o crédito imobiliário segue como um tema importante e a Caixa é líder de mercado no crédito imobiliário (67,5%) e na poupança (37,4%). A instituição continua elevando de forma expressiva a captação via Letras de Crédito Imobiliário (LCIs), com alta de 32,9% em 12 meses, atingindo um saldo de R\$ 171,7 bi, praticamente representando a metade do saldo que a IF possui em caderneta de poupança (R\$ 380,9 bi), cujo crescimento no período foi de 8,1%. Apesar de garantir, por ora, os recursos para o crédito habitacional, a estratégia eleva o custo do *funding* para os empréstimos e tem gerado preocupação quanto à disponibilidade de recursos para 2025.

Quadro 15: CEF – DRE

Itens de Resultado (R\$ milhões)	3T24	2T24	Δ%	3T23	Δ%
Lucro Líquido Contábil	3.263	3.287	-0,7	3.241	0,7
Lucro Líquido Recorrente	3.263	3.287	-0,7	3.241	0,7
Resultado Operacional	2.873	2.926	-1,8	2.956	-2,8
Margem Financeira	14.497	15.481	-6,4	14.522	-0,2
Provisão para Créditos de Liquidação Duvidosa (PCLD)	(3.084)	(4.399)	-29,9	(4.629)	-33,4
Resultado Bruto da Intermediação Financeira	11.412	11.082	3,0	9.893	15,4
Receita com Prestação de Serviços ¹	7.042	6.755	4,3	6.552	7,5
Despesas Administrativas	(10.801)	(10.769)	0,3	(10.159)	6,3
Despesas de Pessoal	(7.187)	(7.310)	-1,7	(6.914)	4,0
Outras Despesas Administrativas	(3.614)	(3.459)	4,5	(3.245)	11,4

Quadro 16: CEF – Carteira de Crédito Ampliada

Valor em R\$ milhões	Set24	Jun24	Δ%	Set23	Δ%
Imobiliário	812.152	783.568	3,6	707.943	14,7
Crédito Comercial	233.176	230.292	1,3	230.484	1,2
Pessoas Físicas	133.198	132.390	0,6	135.112	-1,4
Pessoas Jurídicas	99.978	97.902	2,1	95.372	4,8
Saneamento e Infraestrutura	104.521	101.833	2,6	100.587	3,9
Agronegócio	59.574	59.004	1,0	52.352	13,8
Carteira Total	1.209.423	1.174.696	3,0	1.091.366	10,8



MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	14/11/24	08/11/24	18/10/24	Viés	14/11/24	08/11/24	18/10/24	Viés
IPCA (%)	4,64	4,62	4,50	▲	4,12	4,10	3,99	▲
PIB (% de crescimento)	3,10	3,10	3,05	↔	1,94	1,94	1,93	↔
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	11,75	11,75	11,75	↔	12,00	11,50	11,25	▲
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,60	5,55	5,42	▲	5,50	5,48	5,40	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	15/11/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
NACIONAL					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,80	1,86%	0,15%	19,34%	19,15%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	163,35	5,97%	3,19%	23,32%	0,68%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	11,36	0,80%	2,67%	-2,48%	-5,63%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	13,07	1,27%	3,07%	30,22%	22,86%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	13,12	2,01%	1,22%	30,19%	21,43%
Índice Ibovespa (em pontos)	127.791,60	-1,46%	-1,48%	-4,76%	3,76%
IFNC (setor financeiro)	12.757,07	-2,20%	-2,57%	-7,58%	5,09%
INTERNACIONAL					
Fed Funds (% a.a.)	4,75	0,00%	-5,00%	-13,64%	-13,64%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,30	1,16%	3,19%	1,26%	-11,04%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,44	3,14%	3,62%	14,44%	0,09%
Dollar Index	106,69	1,61%	2,61%	5,28%	2,24%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.870,62	-2,08%	2,89%	23,08%	30,22%
Índice de ações de bancos – EUA	130,48	1,02%	11,69%	19,14%	39,78%
Índice Euro Stoxx 50	4.794,85	-0,16%	-0,68%	6,05%	11,44%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	145,78	1,65%	0,36%	23,18%	28,21%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	71,04	-3,83%	-2,90%	-7,79%	-8,24%

Fonte: Bloomberg.

Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg
 Jayme Alves
 Luiz Fernando Castelli
 Daniel Casula
 João Vítor Siqueira